

# ZIG/JAC: MAG

## Razão de um Percurso

Falatório 2013 – Seção 3

### MD Magno

Realizado no auditório da Universidade  
Candido Mendes Ipanema, 11 junho 2013.

**16.** Da vez anterior, eu dizia que **o paradigma da psicanálise é sexual**. Sempre foi, desde Freud. Assim como foi para Lacan e como estou o reiterando aqui agora. Quando dizemos que o paradigma é sexual, pensamos logo em sacanagem, mas não é necessariamente só disto que se trata. O importante no que é sexual, do paradigma psicanalítico, é que **nenhuma possibilidade de transação sexual é capaz de encontrar uma relação**. Difícil de entender isto, às vezes, mas é simples, ou seja: Não dá certo! Todos, em sua experiência, sabem que não funciona. Claro que pode dar certas satisfações, há transações eróticas satisfatórias. Mas não quanto ao que é correspondente ao Desejo, que seria poder estabelecer uma relação completa. Podemos pensar *relação* no sentido matemático do termo, isto é, que entre duas situações, entre duas formações, houvesse correspondência plena ponto a ponto. Tanto é que, no nível dos desejos e dos sonhos amorosos, as pessoas ficam na esperança de serem um só com o outro, de fazerem um só, mas isto não

acontece. Não existe transa sexual alguma que consiga produzir uma relação. Lacan dizia isto afirmando que “não há relação sexual”, que é impossível. É isto que é sexual, é isto que é secante, que faz um corte entre uma pessoa e outra em sua transa erótica, por exemplo. Em suas transas amorosas também.

É impossível não porque a gente não conseguiu, falhou ou fracassou por falta de potência. Não precisamos nos sentir inadimplentes, pois isso *é impossível*. A psicanálise descobriu que não há condição alguma na sexualidade, seja ela qual for, em seu movimento desejante para o-que-quer-que, de haver completude. Todo gozo, em qualquer sentido, é um fracasso – e costumamos a entender isto. Você fez por menos e interrompeu, é assim que funciona. Podemos sonhar à vontade, mas não funciona. Isto é o paradigma da psicanálise. Ela pensa a partir desse Impossível, de que há uma sexualidade. É um impossível que encontraremos em todo movimento desejante: em certo momento, vai-se esbarrar no Impossível. Isto é secante, cortante. Sexual, portanto.

Cada campo de saber, cada ciência ou cada modo de pensar mais ou menos em profundidade, estabelece seu **estatuto**, o que é base de seu movimento pensante. Em Freud, dado seu lugar, seu tempo, século XIX para o XX, verificamos que ele procurava dar um estatuto científico à psicanálise. Fez todo tipo de esforço para torná-la um pensamento científico. É claro que ficou difícil. Ficou mesmo impossível pensar assim,

pois o que se definia como ciência naquele momento não correspondia propriamente ao que Freud estava fazendo. Mas ele insistiu até o fim da vida em querer que a psicanálise fosse ou se tornasse uma ciência.

No tempo de Lacan, a coisa ficou ainda mais difícil, pois as epistemologias, ou seja, as teorias do conhecimento forjadas pela filosofia, começaram a ficar tão imponentes e tão dominantes que cada epistemólogo queria dizer com precisão, com autoridade, o que era e o que não era ciência. Apareceram diversas epistemologias, sobretudo a de Karl Popper, que se tornou a mais famosa. Ele resolveu que havia certo modo de agir na ciência que seria a possibilidade de falsificabilidade. Ou seja, uma teoria científica precisava ter condições de ser contestada e falsificada para que aparecesse outra. A psicanálise não tem essa condição. Assim como também não a tem o marxismo, que era importante na época como pensamento político e econômico.

Houve, então, um longo período de dominância, por um lado marxista e, por outro, epistemológica, em que se ficou no *mood* de desistir da cientificidade da psicanálise. Lacan quando começou, como eu disse antes, ainda fez certo esforço para tornar a psicanálise científica, mas, ao esbarrar nesse momento de contestação da cientificidade, abandonou a ideia e procurou outro estatuto para ela. Ele achou que o estatuto da psicanálise era *ético*. Ou seja, o que garantia o movimento de pensamento e

de prática da psicanálise era certo sentido ético para as pessoas e para a teoria. (Espinosa tem a ver com isto).

**17.** Sou de outro século, de outra geração, já encontrei tudo trabalhado desse modo – e, de certa forma, derogado. Para mim, pasmem vocês, **o estatuto da psicanálise é místico**. Pode parecer esquisito, mas o termo tem garantias muito antigas. Hoje, a palavra *místico* é usada como se fosse credice: runas, horóscopo. Mas não é isto. O sentido puro e profundo do termo *místico* é o daquelas pessoas – seja qual for sua referência, religiosa, teórica, ou coisa de outro tipo – na direção e no sentido do **distanciamento do mundo**. Distanciar-se do Mundo é ser *Imundo*, de certo modo. É não ter como sintomática pessoal o que o Mundo, contemporâneo ou não, esteja ditando: procura-se uma posição de distância e indiferença perante o Mundo. Alguns místicos – por exemplo, cristãos – tomavam essa postura, mas a procuravam para se aproximar de Deus, ou de algo assim que estivesse em suas cabeças, em outro sentido. Há, pois, a mística judaica, a mística budista e também místicas leigas, etc. Todas com o denominador comum desse afastamento. Na própria católica, há místicos da maior responsabilidade teórica, teológica e de grande presença nas realizações daquela igreja. Sua mística é inteiramente de afastamento, a ponto de não pretenderem chegar a Deus algum, pois o seu Deus é interior, como é o caso de Mestre Eckhart.

Ultrapassadas essas posições de estatuto psicanalítico – primeiro científico, depois ético –, cheguei à conclusão que o que nos sobra é entender a posição teórica e clínica, teórica e prática, da psicanálise como tendo que **afastar-se do Mundo e tornar-se indiferente**. Ou seja, nada temos a ver com a psicologia, por exemplo. Quando se vai a um psicólogo, espera-se que ele saiba qual é a *normalidade* – pelo menos, a de seu mundo – e nos leve de volta a ela. Coisa que, aliás, não se conseguirá jamais, mesmo porque ele também não consegue. A psicanálise não tem noção de normalidade que não seja, em última instância, a do pensamento psicanalítico. Podemos até pensar nisto, mas não se faz trabalho algum de convencer ou levar uma pessoa a ser como determinado pensamento normativo acha que ela deva ser. Estamos lá para a pessoa se achar, seja ela quem for. Isto não é determinante ou normativo.

A ética de cada um é consentânea com seu modelo de pensamento. Então, seu modelo de pensamento dita determinado princípio ético. O estatuto de Freud é científico, mas ele chegou a ditar um modelo ético para a psicanálise, que está na famosa frase: *Wo Es war, soll Ich werden*. Todos no campo da psicanálise a sabem de cor, mas o negócio difícil é como a traduzir. De nosso ponto de vista, como suponho ter sido o de Freud, e mesmo o de Lacan, a tradução é: *Devo chegar onde Isso estava*. Estou traduzindo de maneira bem banal. É como se fosse: se reconheço minha situação humana, reconheço que há

Inconsciente, que é ele que determina e não a consciência, então devo fazer o trabalho de ficar consentâneo com minha essencialidade, digamos assim. Devo fazer o trabalho de ir até o reconhecimento do Inconsciente – coisa que as pessoas têm extrema dificuldade de fazer. Elas restam perdidas na consciência cotidiana, na sintomática de sua história, do dia-a-dia, e não conseguem reconhecer o Inconsciente funcionando e determinando suas vidas e seus movimentos. Isto faz uma desgraça na face da Terra: guerras, maus tratos e coisas da pior espécie. Se reconheço o Inconsciente, sou uma pessoa mais maleável, mais reconhecida aos movimentos desse Inconsciente. Portanto, que não fica com apegos sintomáticos a determinadas construções, que são meras construções e podem ser abandonadas ou transformadas. Para falar de maneira mais banal, que é o que as pessoas entendem melhor, poderia dizer que isso significa que seu ego deve reconhecer sua determinação inconsciente, a qual não é egóica.

Freud chegou à sua postura ética mediante o carro-chefe de situação do Inconsciente de uma pessoa do seu mundo, que era a ideia de Édipo. Tanto é que vai buscar na tragédia grega a velha história do *Édipo Rei*, que todos conhecem, para mostrar que havia que superar aquela situação no sentido de reconhecer o movimento do Inconsciente dentro da superação do Édipo. Lacan não gosta de falar em Édipo, abandona esta referência mesmo não tendo abandonado a referência grega da tragédia.

Diferentemente de Freud, vai buscar a ética da psicanálise em outra tragédia grega do mesmo Sófocles, a qual, aliás, está em continuidade à do Édipo. Não imediatamente com a figura de Édipo, mas com a figura de sua filha, que é *Antígona*. Antígona, que se recusou a obedecer a seu tio, Creonte, que era o rei e ordenara que o irmão dela não fosse enterrado, pois este lutara contra a cidade. Ela diz que há uma Lei Maior do que a dele e que vai enterrá-lo faça Creonte o que quiser com ela. Ela paga caro: é emparedada numa gruta para morrer sozinha porque fez o que devia fazer. Então, assim como há o *wo Es war, soll Ich werden*, de Freud, isto se resume em Lacan na frase: *não abra mão de seu desejo*. Esta é, para ele, a ética da psicanálise: o dever de cada um de não abrir mão de seu desejo de referência, sobretudo legal, mesmo que seja contra determinada lei. Isto significa que cada um deve – do verbo *dever* – realizar-se no Mundo, em sua vida, não abrindo mão, indo até o fim em sua realização. Isto também significa, como dito por Lacan, que cada um tem, de alguma maneira, que bem dizer – que, em português, também tem o sentido de benzer – seu desejo e sua verdade: diga isso *bem* durante sua vida e estará eticamente resolvido.

Fazendo uma digressão interessante, na mesma época, a ética de Deleuze e Guattari, ambos muito conhecidos no Brasil, é a *ética da diferença*: a diferença é que *deve* ser considerada, respeitada. A diferença reconhecida, para eles, propõe que haja

uma *multiplicidade*. Não há, pois, que reduzir a unidade alguma essa multiplicidade, essa multifariedade, que aparece como diferença pura. Então, para esses dois, para Deleuze sobretudo, há o reconhecimento e a aceitação da diferença como fundamento da ética. Costumamos dizer que são os pensadores da “filosofia da diferença”. Chamo atenção para isto, pois vou propor algo que pode parecer filosofia da diferença, mas não é.

**18.** Dado o aparelho que tenho construído, propus que **a ética da psicanálise é a ética do Cais Absoluto e do Vínculo Absoluto, do distanciamento místico: afastamento do Mundo e aproximação do Haver**. Lembrem-se de que coloquei o *Haver* como diferente do *Ser*. É, pois, distanciamento do Ser e aproximação do Haver. Retirei a expressão *Cais Absoluto* de um poema de Fernando Pessoa para ser o nome deste pensamento que apresento. Cais Absoluto é quando nos afastamos do mundo, da ideia de Ser, tomando a ideia de Haver que é nosso fundamento maior. Aí vamos para uma posição onde estamos à beira de nada, embora ainda dentro de tudo. Estamos à beira do não-Haver, à beira do abismo e, nesta posição, podemos até ter uma escuta analítica, pois indiferenciamos tudo, não aplicamos valores sobre o que está diante de nós. Apenas reconhecemos e operamos, não há complicação sintomática. Todo valor é sintomático. Aqueles que não reconhecem o Inconsciente fazem a suposição de que seus valores são os certos, pois, no



momento, têm algum poder metido em alguma região política ou social – mas são meramente valores *pessoais*. Do ponto de vista de *poder*, não temos que respeitar enunciado algum de valor universal. Temos, sim, que respeitar os valores dos outros e exigir que respeitem os nossos, pois cada um tem o sintoma que tem.

Então, quando digo que esta posição instaura uma ética da diferença, não é do mesmo modo que no pensamento de Deleuze, de uma filosofia da diferença. O respeito radical à Diferença, aqui, se torna fundamental na ordem social, política, etc., não porque todos são diferentes, e sim porque são *idênticos*. É, portanto, a **Ética da Identidade**, que chamo de **Vínculo Absoluto**. Seja qual for o panorama de mundo, o panorama de Ser, o panorama sintomático de cada um, em sua essencialidade, dada a estrutura da mente humana, todos têm um ponto onde são idênticos, onde são o *Mesmo*. É o lugar absoluto de minha posição de distanciamento e de indiferenciação, que todos possuem – só precisam desvelá-lo para si mesmos. Por isso, digo que é um Vínculo Absoluto que existe entre qualquer pessoa e as outras. Um Vínculo Absoluto existe, os demais são relativos, são os vínculos de nossa ordem sintomática. Um é muçulmano; outro, cristão; outro, não-sei-o-quê; estamos cheios de sintomas demarcando nossa funcionalidade e nossos valores... Mas, em algum lugar, todos são o Mesmo: todos desta espécie são o Mesmo nesse lugar mental. Reconhecendo isto,

que todos são o Mesmo, posso dizer uma frase aparentemente absurda (*ab surda*), mas que é verdadeira: *Eu sou você*.

Em seu tempo, Lacan tomava a frase de Rimbaud, *Je est un Autre*, e trabalhava a ideia de alteridade, a do Outro. Estou dizendo algo mais grave: que, *no regime ético da Identidade, sou qualquer outro*. Quando passamos para o lado do Mundo, para o lado da sintomática, aí todos são diferentes. É preciso, portanto, respeitar a doenzinha de cada um de nós de ser diferente porque somos todos o Mesmo, embora não sejamos iguais. A França é que gosta de *Liberté, Egalité, Fraternité*: liberdade + igualdade + fraternidade = mendacidade. Basta olhar o que está acontecendo lá: do ponto de vista da lei, até foram descentes, aprovaram a possibilidade de haver casamento para qualquer um – e saiu um povo na rua, o tal povo que fez a Revolução Francesa, para reclamar estrondosamente. Então, o que farão com aquele triangulinho? Isto porque igualdade sozinha não garante nada. A briga essencial do ponto de vista político no mundo de hoje é entre o *Partido da Liberdade* e o *Partido da Igualdade*. O partido da igualdade é *socialista* e o da liberdade é *liberal*. Não se pensa em resolver essa dualidade idiota com a Identidade, quando é tudo a mesma coisa. Então, estão brigando por causa do quê? Vamos *ad hoc* tentar resolver as situações: mais para cá, mais para lá, aqui está fundo, ali está raso, e a gente vai resolvendo. Isto ainda não aconteceu na

política mundial porque justamente não há análise, não há reconhecimento de Inconsciente.

A consequência deste tipo de pensamento psicanalítico que reconhece uma *vinculação absoluta* e portanto exerce um radical reconhecimento e respeito das diferenças, sejam quais forem, é: não tenho o direito de criticar a diferença de ninguém. Segundo a ideia de Hobbes, se deixar muito solto, todos saem na porrada uns com os outros, então podemos ter tentativas de organização dos problemas sociais e administrativos que dirão o que não pode agora, o que não pode de tal jeito, que é preciso inventar outro jeito... Isto é o governo da Diferença. Por isso, acho que existe uma forma superior à democracia, que chamo de **Diferocracia**: o poder emana da Diferença, e os governantes que se virem para administrar sem questionar a diferença de ninguém. Vejam que isto é radical. Daqui a uns cem anos a gente tenta de novo.

**19.** Já vimos o estatuto, o paradigma e a ética da psicanálise. Agora, vejamos qual é o *campo de operação* da psicanálise. Dado o prestígio da ciência no mundo – ainda bem, pois ela tem nos libertado de muita coisa –, apesar de tudo que aconteceu na história da psicanálise, até hoje ainda resta a pergunta: a psicanálise é uma ciência? Direi mais um aparente absurdo: Sim, a **psicanálise é uma ciência**. Mas qual ciência? A que ciência estou me referindo? Não é a alguma ciência como

paradigma. Durante o século XX até agora – embora isto já esteja se dissolvendo –, o paradigmático no pensamento científico foi a Física. Tudo que não fosse da mesma ordem de calculação, de possibilidades de mensuração que a física tenta, embora não consiga plenamente, ficava parecendo não ser ciência. Então, que ciência pode ser a psicanálise?

Digo que é preciso rever esse campo de operação. Já disse que Freud foi notório em situar a psicanálise sob a égide da ciência, da ideia de ciência de seu tempo; que Lacan, por causa de Popper, abandonou sua ideia inicial de que a psicanálise tinha que ser uma ciência e acabou fazendo uma coisa tristonha: querendo ou não, acabou por pendurar a psicanálise no cabide da filosofia – o que é péssimo. Ele imiscuiu, de certo modo, a psicanálise com a filosofia dando um golpe interessante, que foi o de chamar seu pensamento de *antifilosofia*. Mas antifilosofia, filosofia é. Se, positiva ou negativamente, estou preocupado com a filosofia, de certo modo estou pendurando meu pensamento em seu cabide. Com o apelido de antifilosofia, ele ficou perto de outros pensadores que talvez não devemos chamar de filósofos, embora estejam nos livros de história da filosofia: Nietzsche, Pascal, Deleuze, Kierkegaard... São também antifilosóficos, mas são também reconhecidamente filósofos. Isso de Lacan ter antifilosofado, que é o que ele quis dizer, permite a alguns filósofos contemporâneos – por exemplo, Badiou, Zizek, Safatle (este no Brasil) e outros – serem

“*filósofos lacanianos*”. É absurdo, quando os leio me assusto um pouco. Eles têm o direito de pensar assim, mas, a meu ver, **não existe filosofia psicanalítica**. Houve uma época, no meio do século XX, em que havia psicanálise católica, e até psicanálise marxista em contraposição. Vamos escolher?! Apesar de todo o esforço de Herbert Marcuse, que foi o mais arrumadinho deles, não há como juntar.

A psicanálise tem um discurso específico e tem uma posição tão radical que, das duas uma: ou ela se afasta de tudo ou determina o que pertence a esse “tudo” (por exemplo, tenho a intenção de, novamente, pendurar a psicanálise no cabide da ciência, ou pendurar a ciência no cabide da psicanálise, o que seria mais correto). Ou seja, só podemos hoje em dia pensar a psicanálise em qualquer tipo de transa com a ciência na medida em que **é a psicanálise que decide sobre o estatuto dessa ciência**. Isto está ficando cada vez mais claro, mas é difícil para o pessoal da ciência engolir. Entretanto, dado o fracasso que eles têm tido na argumentação epistemológica que apresentam, e mesmo na concepção científica que está cada vez mais dissoluta, digamos assim, suponho que acabarão chegando lá.

Faço algum esforço para trazer condições de esta psicanálise produzir ela mesma uma *teoria do conhecimento*, que chamo de **Gnômica**. Isto, para principalmente não chamar de epistemologia, pois é uma *gnoseologia*, uma tentativa de entender o que é o conhecimento sem a pressão limitadora e

determinante das epistemologias. Trata-se de pensar de modo psicanalítico, ou seja, produzir *uma teoria do conhecimento compatível com o Inconsciente*. Se isto puder ser feito, esta psicanálise talvez consiga vir a redefinir o que é ciência. Provisoriamente definindo, digo, então, que **ciência é uma investigação, qualquer investigação, que leve à descrição do funcionamento das formações do Haver em compatibilidade com o Inconsciente**. No dia em que o pensamento científico, o pensamento sobre o conhecimento, partir daqui, aí a psicanálise pode designar como funciona a ciência de verdade. De verdade, isto é, cujo sintoma é posto a nu pelo *reconhecimento* do Inconsciente. A sintomática da ciência do século XX é terrível.

O século XX é inteiramente delirante. Isto, em termos de política, de religião, de ciência... Parece um bando de psicóticos. Estou exagerando? Já ouviram falar num rapaz chamado Adolf Hitler? Num rapaz chamado Stalin? Num rapaz chamado Mao Tsé-tung? Um rapaz chamado Fidel Castro? Aquilo é a implantação da psicose na política e na sociedade. A deliração científica não ficou atrás e as religiões fizeram tanto esforço de diferenciação que deu nisso que está aí, a porradaria comendo. Vamos ver se o Chicão acaba com isso...

A definição provisória que acabei de colocar tem que considerar os diversos níveis e gradientes de apreensão do conhecimento, que vão da intuição mais folclórica à mais refinada qualificação e/ou quantificação. É uma teoria do

conhecimento que possa englobar “tudo” porque reconhece o movimento do Inconsciente produzindo teorias como sintomas. Há um pensador psicanalista e linguista chamado Jean-Claude Milner que faz um trabalho importante no campo da teoria psicanalítica e afirma algo consentâneo com o que estou dizendo: uma vez que aconteceu a psicanálise, os outros discursos foram prejudicados porque a psicanálise demonstrou a *vontade de sutura*, a constituição ideológica, desses discursos. Vontade de sutura quer dizer: querer fechar, não tem brecha, não abre. A psicanálise denunciou isto. Então, todos os saberes ficaram prejudicados. Assim, se há psicanálise, pensamos de maneira psicanalítica, então todos os saberes estão em crise, estão sob análise.

Assim, que ciência pode ser a psicanálise? Uma ciência definida provisoriamente, como acabei de fazer, que opera na investigação de alta sofisticação e efetivamente exerce o *espírito científico*. Gosto deste sintagma de Gaston Bachelard, que era um cara sensível a isso. Quando queria pensar o que era o pensamento científico, queria ser psicanalítico. É uma pena que tenha ido ler Jung, aí não conseguiu muito bem. Ele vivia sugerindo que se fizesse a psicanálise da ciência, pois, sendo um homem de dentro da ciência, percebia a constituição sintomática e ideológica dos aparelhos científicos, que queriam dominar o mundo como *O* saber, como *O* conhecimento. Percebemos, portanto, até mesmo em Bachelard, uma denúncia da falsidade

ideológica das ciências pré-psicanalíticas, bem como das filosofias.

Repito, então, que, reconhecida a psicanálise, reconhecida a moção do Inconsciente, os discursos anteriores foram prejudicados, questionados, embora ainda tenham poder e continuem por aí. É desta posição de questionamento que poderemos constituir uma teoria do conhecimento para o século XXI em diante. Uma teoria que tenha a elasticidade possível para reconhecer o que é conhecimento, o qual não é o fechamento que as epistemologias criaram.

**20.** Estamos acostumados a ouvir falar em pensamento reflexo, em reflexão e em pensamento complexo, que, este, foi o mais aberto que apareceu. Mas **a psicanálise é o Pensamento Perplexo**. É preciso sustentar a perplexidade diante do Haver, para mantê-lo em abertura e possibilitar as condições de conhecimento. Um analista, que o seja de fato, e não só de direito, diante de seu analisando, é perplexo, parece que nunca o viu, pois cada um é... aquela belezinha que sabemos – é, aliás, que nem que nós. Sem certa perplexidade, viramos um mero psicólogo ditando regras para a pessoa, como se, de alguma maneira, ela fosse conseguir aquilo. Ela pode até fingir, mas não vai conseguir.

Há algo nesse *pensamento perplexo* que é sustentado pelo modo de construção do pensamento na psicanálise, na teoria e



na prática. A filosofia e a ciência são *binárias*, só conseguem operar em termos de oposições. Este é o pensamento decadente, o pensamento que é a resultante consciente, limitada, hemiplégica, recortada e só metade do pensamento inconsciente. **A psicanálise não é binária, não pensa binariamente. Ela pensa ternariamente:** isto é oposto a isto, entretanto há aquilo; isto é oposto a isto, entretanto há aquilooutro... Aquiloutro é que é logicamente difícil de conceber. Isto porque, no momento presente, estamos apenas no limiar de, lógica e tecnologicamente, conseguir a instauração deste tipo de conhecimento no Mundo. A psicanálise já o instaurou, mas quem não se aproxima dela, não sofre seu processo e, de preferência, se transforma em psicanalista diante do Mundo, não opera assim.

O Mundo, em geral, opera binariamente. Isto é, opera como o computador: 0/1. A psicanálise não opera assim e, felizmente, estamos à beira de conseguir o computador que opera como nós operamos. Trata-se do chamado *computador quântico*, que funciona não em 0/1 mas com os dois opostos ao mesmo tempo. Ainda é pouco, pois o velho Nicolau de Cusa já havia falado em *coincidentia oppositorum*. As pessoas vivem no regime de oposições e a psicanálise sabe que facilmente deslizamos para o avesso com a maior facilidade, tanto em termos de língua como em termos de comportamento. Ela sabe, a cada caso, que, ao sonhar, acabamos desmunhecando, pois a

coisa vira. O computador que pretende vir a dar conta disto ainda está pensando como Nicolau de Cusa: trata-se simplesmente de inventar o *q-bit*, que seria a conjunção dos dois opostos. Mas não é assim que o Inconsciente pensa, é justo o contrário: o Inconsciente pensa certa coisa que, decadente, se torna os opostos. Não é, então, que isso se junte aqui, pois não tem oposição juntando aqui. É, sim, um pensamento que *pode* se tornar oposição na manifestação decadente do mundo. Isto é mais difícil ainda. Mas torço para surgir o computador quântico, pois já vai ajudar as pessoas a entenderem que a mente não é a bobagem que temos até o século XX e que Freud, na passagem do século XIX para o XX, já começara a introduzir um pensamento radicalmente novo, que certamente será banal daqui a cem ou duzentos anos. Isso vira banalidade, vai para a tecnologia: todos poderão vir ter um *gadget* no bolso que funciona assim.

Teremos que entender a questão de que o *Mundo* é da ordem do *Ser*, tão caro às filosofias. Elas ficam procurando o Ser: o Ser é a falação. *Há* algo – o que *é*? Aí, começa a falação infinita para tentar dizer o que *é Isso-que-Há*. Mas, pela falação do Ser, não se consegue dizer o que Há. Quanto ao que Há: ou sentimos ou desandamos a falar para o resto da vida. O Mundo é o lugar das realidades, e não lugar do **Real**. O Mundo é o campo da loucura, é nossa loucura total, nossa falação infinita. Eventualmente, consegue-se dizer algo que preste nessa falação

toda. Então, mesmo pertencendo à ordem do Ser, um poeta, um criador, um cientista, *diz* algo que parece ter a ver com o Haver. O Ser, o Mundo é o campo das afetações menores. Já o Haver – e agora direi algo horroroso, mas não acho outra maneira – é como se fosse a *substância* do Real. Não são realidades, é o lugar, a matéria, da Pulsão, do Tesão – como gosto de traduzir o termo freudiano *Trieb* – e, ao mesmo tempo, por ser o lugar do Desejo, é o lugar da Angústia. Desde o começo da psicanálise, Freud mostrou que uma pessoa fica angustiada com seu desejo. Se procurarmos traduzir bem nossas angústias, veremos que angústia e desejo estão no mesmo lugar. Tomando, então, minha ideia de que *Alei é Haver desejo de não-Haver*, vemos que o Desejo é de não-Haver e que a resistência grita, pois esse desejo vai nos matar. Então, ficamos angustiados: não há saída desse lugar.

Pulsão e Angústia, diferentemente das afetações menores do campo do Ser e do Mundo, são os dois afetos que emergem diante do Haver. Quando estamos diante do Real bruto do Haver, temos duas funções capazes de emergir aí: desejo e angústia. São as duas faces da *mesma* Pulsão: vivemos de Tesão, por isso vivemos no desejo e na angústia. É o terror.

**21.** Vocês devem ter ouvido as filosofias e alguns pensamentos, até ditos psicanalíticos, dizerem que é possível abordar o **Real**, que ele pode ser causação, mas que não há possibilidade de

conhecê-lo. Dizem isto porque sua ideia de conhecimento é a de constituição de saber, no sentido em que eu criticava a constituição de filosofia, de ciência, etc. Do ponto de vista psicanalítico, embora Lacan tenha repetido isto, devo dizer que não há conhecimento do Real, que não há conhecimento do Haver? Ao contrário, **do Haver – e, se quiserem, podem chamar de Real – só há Conhecimento Absoluto**. Não se trata de Hegel, de conhecimento conseguido no final das sínteses hegelianas, e sim que aquela Pessoa que eu disse que tem um lugar de Cais Absoluto, um lugar de Vinculação Absoluta, nesse lugar, **ela conhece absolutamente que ela Há**. E isto é um Conhecimento Absoluto – porque isso *dói* e isso *goza*. Não é preciso pensar em dor corporal alguma, pois todos têm experiência para saber que *estar aí* dói, que *estar aí* também goza – e não sabemos o que está doendo e o que está gozando, isso é ambíguo. É o que chamo de *Conhecimento Absoluto*, que todos têm: a dor e o gozo da *Presença*.

Os pensamentos têm dito que não há verdade absoluta, mas, se há Conhecimento Absoluto referido ao Haver, digo que há, sim, verdade absoluta. A *Verdade Absoluta* é a verdade da Pulsão, a verdade do Tesão. Ou seja, *Haver desejo de não-Haver* é Verdade Absoluta que corresponde ao Conhecimento Absoluto de Haver. Todas as IdioFormações têm isso. Só que o Haver com sua Verdade e seu Conhecimento é apenas *Causa*, causação dos conhecimentos e das verdades na ordem do Ser.

Se, então, tomarmos os conhecimentos e as verdades que produzimos na ordem do Ser, veremos que são *causados pela situação de gozo e de dor diante de Tensão e de Angústia*. Esse Conhecimento Absoluto e essa Verdade Absoluta são a causa de meu movimento de perquirição sobre o Ser. Isto, aliás, é coisa de gente, pois nunca vimos cachorro ou mesmo macaco cientista ou filósofo. Há, pois, um Conhecimento Absoluto e uma Verdade Absoluta que causam nosso movimento de tentativa de produção de conhecimentos e de verdades na ordem do Ser. Por isso, o conhecimento na ordem do Ser é precário, relativo e faltoso. A verdade na ordem do Ser é sintomática. Nós funcionamos sintomaticamente. Esta é a nossa verdade, tentemos dizê-la muito bem.

O Haver é a Causa dos conhecimentos e das verdades na ordem do Ser, no campo do Mundo – sem, contudo, entregar-se plenamente a esse Ser e a esse conhecimento relativo. Sem, tampouco, deixar de se oferecer a eles (e isto nada tem a ver com a *coisa-em-si*, de Kant).

**22. ● P** – *Você, comentando a respeito da ciência, disse que a psicanálise criou uma crise nos outros saberes porque estes tentam abordar o conhecimento a partir de um fechamento.*

É uma tentativa de sutura, de dizer que *isto é isto*, e que *é mesmo*.

● P – *Você disse também que a constituição desta sua teoria é sintomática e falou da verdade. Qual é a diferença entre esta verdade sintomática e a constituição de saber que é fechada, suturada, como é o caso das filosofias, etc. É a questão do universal?*

O universal não existe. A ideia de universal é justamente o comandante da sutura. Não há dúvida de que, se a psicanálise se exprime teoricamente, além de clinicamente, na práxis, ela não pode não ter a limitação do sintoma. Tanto é que é possível ela ter desenvolvimento. Quando Lacan fala em *retorno a Freud*, na verdade, é: crítica de Freud a partir do saber contemporâneo. Quando digo *retorno de Freud*, em que quero o sintoma de Freud de volta por cima do sintoma de Lacan, estou fazendo outra construção sintomática. Se não, não há progressão. Não há como nos exprimirmos na ordem do Ser sem ser sintomaticamente, mas há algo diferente, que é a *Postura* com que encaramos isto ou aquilo. A **Postura Psicanalítica** é radicalmente diferente dessas outras que, aliás, são a mesma: uma postura de saber constituinte e constituído, de saber que quer colocar identidade entre o saber e o Real. Como eles dizem, o Real fica escapando, mas *mesmo assim* é mantida a postura binária. Do ponto de vista perverso, usando uma expressão bem popular é: “Tô sabendo, mas caguei...”

Não é possível produzir teoria sem versão sintomática, mas a *Postura Psicanalítica* é tão radicalmente diferente que, de

saída, deixa o teorema em aberto. Quando tenho a audácia de dizer que a Verdade é *Haver desejo de não-Haver*, eu li a Verdade desse modo. Podem dizer que esta é uma frase sintomática como qualquer outra, mas ela come o próprio rabo. Haver desejo de não-Haver, não-Haver não há, como fazer, então? Se não-Haver não há, a Verdade está prejudicada no que ela é afirmativa. Então, ela tem duas posições ao mesmo tempo. Não há isto em outros pensamentos.

● *P – E isso o Pensamento Perplexo?*

Sim. Algumas pessoas, que não me leram ou leram mal, dizem que coloquei um teorema – *Haver desejo de não-Haver* – que é a destruição. Se desejamos não-Haver, tudo vai para o brejo. Vai mesmo, mas não por isso... Por quê? Porque o não-Haver não há, então *estamos condenados ao Haver*. O que esta frase diz é que todos, no fundo, estão desejando a Paz Absoluta, o Gozo Absoluto, o Silêncio, “Chega!” – mas não vai chegar, nem morrendo, pois ninguém tem a experiência da morte. Quando somos meio doidinhos – como todos, aliás –, passamos por experiências psíquicas, fazemos uma cirurgia e sob anestesia “vemos” a vida após a morte, mas não é preciso estar morrendo, pois também *sonhamos* com essas coisas: o sonho é que é de acordo com nosso desejo de nunca morrer, de continuar para sempre. Entretanto, ninguém tem experiência de morte. Há certo grupo que inventou uma teoria “religiosa” que diz que as pessoas mortas voltam, que falam com elas, que elas recebem os

espíritos... Nada tenho contra, querem acreditar, estejam à vontade, só que não há a menor condição de provar uma coisa dessas, pois ninguém tem experiência de morte. Antes de morrer definitivamente, já apagamos. Não se vai ter experiência de morte alguma, podem desistir. Ou seja, *a vida é eterna*. Digamos melhor: **a vida é sempiterna**. Começamos não sabemos de onde, não lembramos nada e quando terminar não vamos perceber coisa alguma. Então, sou eterno. A eternidade é isso: vou viver para sempre. É só entendermos o que é *sempre*: sempre, é não ter começo, nem fim.

● P – *Você propõe que a psicanálise é ciência. Mas por que é preciso dizer que a psicanálise é uma ciência já que você disse que as ciências são binárias e o pensamento psicanalítico é ternário? E mais, por que é preciso ainda que a psicanálise seja considerada ou filosofia ou ciência ou religião?*

Em primeiro lugar, não é *ainda*, é *novamente*. A Psicanálise deve ser considerada tudo isso em função de sua utilização sintomática. Se a psicanálise produziu um pensamento que põe em cheque o pensamento científico, o qual dizia que a psicanálise não pensa com a precisão da ciência, ela precisa mostrar que pensa sim, só que *precisão* não é aquilo que a ciência pensava, mas o que ela (psicanálise) aponta. A psicanálise está presente no mundo e deve fazer a crítica dos discursos falidos que ela encontra pela frente. Por isso, ela assume para si este papel. Então, eu já disse que a psicanálise é



*Arreligião* e até digo que pode ser *Afilosofia*, se ela decidir o que a filosofia deve ser. O que não se pode é fazer como certos autores contemporâneos que ficam querendo reduzir a psicanálise à filosofia. Isto é bobagem, não vai funcionar. O chato desse pensamento estranho que Freud meteu no Planeta é que ele tem o mau hábito de assumir o lugar de outros pensamentos, e eles não gostam, ficam danados da vida. Se a psicanálise for o pensamento causado pela posição do Haver, será o pensamento adequado sobre o Mundo, então derrogará a filosofia, ou seja, ela será *Afilosofia*. Escrevo numa palavra só, *Afilosofia* e *Arreligião*, para dizer que *é* e *não é*. Significa *artigo* e *prefixo de negação* ao mesmo tempo.

Desde o começo, disse que a psicanálise é *Aciência*, pois ela tem que manter sua posição de ambiguidade e de perplexidade. Então, não venham com discursos científicos, porque digo que *Aciência* é a psicanálise; com discursos religiosos, porque digo que a psicanálise é *Arreligião*; ou com discursos filosóficos porque digo que *Afilosofia* é a psicanálise. Saiam dessa, se puderem.

● P – *Ao falar da psicanálise, você se considera filósofo, cientista ou psicanalista?*

Psicanalista, mais nada. E só me *considero*, pois não *sou*. Pretensão e água benta cada um toma quanto aguenta.

● P – *Você falou que Freud buscava uma psicanálise científica, Lacan uma ética e que você propõe uma mística. Isto*

*não é também uma postura ética? Ou você está distanciando a ética para o mundo do Ser e a mística para o mundo do Haver?*

É uma postura ética, sim, só que assentada nessa concepção do Místico. Eu disse *en passant* que a ética que designo para a psicanálise é a ética do Cais Absoluto, a ética da Postura Mística. Lacan achava que a postura era ética quanto à exigência de não abrir mão do desejo. Bacana, muito bom, mas acho que é preciso mais. Cada um enlouquece do jeito que pode.

11/JUN